



Para levar o samba de volta à avenida

Carnaval
Sem orçamento, escolas buscam alternativas para realizar os desfiles no ano que vem

“Foi muito triste. O carnaval é minha vida, militância e onde mostro minha arte”. O sentimento de frustração expresso por Byra Borba, eleito Rei Momo (personagem da cidade encarregado de animar as festas) do carnaval de Porto Alegre em 2018 pela Imperatriz Dona Leopoldina, é consenso entre os carnavalescos, já que os desfiles deste ano foram cancelados. Por outro lado, assim como ele, que se considera “rato de barracão”, os amantes dessa festa popular estão decididos a resistir e não deixar o evento esmorecer. A administração municipal, no entanto, é categórica: “Não sobra para o Carnaval. Não é que a gestão não queira, não tem como”, afirma o secretário adjunto da Cultura Leonardo Maricato.

Apesar das incertezas para 2019, as escolas de samba e a Liga Independente de Escolas de Samba de Porto Alegre (LIESPA) se movimentam para fazer parcerias com o setor privado. Segundo Juares Gutierrez de Souza, presidente da liga, já foi encaminhada uma proposta para um empresário do Rio de Janeiro, mas a negociação ainda está em andamento. Há alguns anos a festa sofre cortes de investimento da prefeitura. Em 2017, apenas as escolas da Série Ouro, que inclui Imperatriz Dona Leopoldina, União da Vila do IAPI e Imperadores do Samba, desfilaram no Porto Seco, na Zona Norte da cidade, e, neste ano, nenhuma delas conseguiu se apresentar no sambódromo, por conta do cancelamento do festejo às vésperas de ocorrer. O jeito foi levantar o astral e levar as fantasias e o enredo, fruto de um ano inteiro de trabalho, para fazer a folia nas ruas da capital e também de Guaíba, na região metropolitana.

Os quatro dias de celebração são apenas o produto final de todo o processo do carnaval. A festa é fonte de conhecimento, de afirmação da cultura e movimentação a economia da cidade, gerando empregos para ferreiros, costureiras, marceneiros, aderécistas, artesãos, dançarinos, músicos, frentistas e vendedores. Da mesma forma, as escolas de samba, algumas localizadas em bairros mais pobres, atuam socialmente

na comunidade local. Filipe Ritter da Rosa, que é ritmista e mestre de bateria da União da Vila do IAPI, explica que a escola realiza atividades de percussão com crianças e adultos e que isso pode oferecer outros caminhos para quem está em situação de vulnerabilidade, como aconteceu com ele. “Se eu não tivesse entrado na percussão, eu poderia ter tomado o rumo errado, como vários amigos meus fizeram”, relata. Quanto ao carnaval de 2018, Filipe lamenta que essa ainda seja uma ferida mal cicatrizada e espera que no futuro o carnaval dependa cada vez menos do setor público. “Quando entro no barracão e vejo as fantasias e alegorias que não desfilaram, bate uma sensação desagradável. Quero um carnaval competitivo”.

União – Na escola de samba de Leticia Costa, a Imperadores do Samba, além da preparação para o desfile, o sentimento de união também mobilizou a equipe para auxiliar uma integrante grávida que precisava fazer uma cirurgia intrauterina de custo elevado. “A gente se reuniu, fez um chá e arrecadou dinheiro para ajudá-los. Esse é o espírito”, conta. Outro motivo especial para Leticia se dedicar tanto a essa arte é o filho, que, segundo ela, “é do carnaval”, e que, hoje, desfila na comissão de frente. Além dele, também o irmão desfila junto da família. A vendedora e chefe da ala coreografada Sedução diz que os preparativos para 2019 já começaram. O tema do próximo ano serão os 60 anos da escola. “O nosso lema é a resistência do samba. É doação. Faça sol ou chuva, estou lá, com unhas e dentes.” Leticia diz ainda que não importa se haverá desfile, porque os ensaios já estão acontecendo e a escola está fazendo de tudo para não precisar de verba da prefeitura. “A gente é convidado para fazer festas de 15 anos, de casamento. Enquanto houver pessoas dispostas, o nosso samba não vai morrer”, diz.

Essa festa é de todos e a sua origem se perde na linha da história, uma vez que é celebrada em vários países e por diferentes motivos. No Brasil, a diversidade é comprovada pelo uso de frevos, maracatus e afoxés, contribuição musical da cultura negra na tradição carnavalesca. Em Porto Alegre, cidade que tem a maior desigualdade entre brancos e negros do país segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a presença do carnaval é essencial para a resistência e afirmação da cultura negra, pois através dele se resgata a história e geram-se empregos. Para a contadora Luana Costa, também da Imperadores do Samba, o desinvestimento na



área é uma forma de manter a cultura marginalizada. “Parece que a nossa cidade tenta não permitir manifestações da cultura negra em áreas nobres. Nossa batalha é racial também. Estamos no nosso local. Local de grande parte da nossa história. Estamos batalhando contra todas essas tentativas de colocar, mais uma vez, a cultura negra à margem da cidade de Porto Alegre”, afirma. Até o fechamento desta reportagem, ainda não havia parceria firmada com empresas para o próximo ano. Entretanto, Luana, gestora da escola, garante que a Imperadores está mais unida do que nunca para “ter dias mais felizes no carnaval”.

Criação e conhecimento – Além da importância social, o carnaval também é um espaço de criação artística. Os sambas-enredo das escolas são feitos por compositores, as fantasias são realizadas por figurinistas e estilistas que pensam cada deta-

lhe das roupas. Nos barracões, os integrantes que coordenam as alegorias precisam contar uma história por meio da ilustração; para isso, fazem bonecos que desfilam nos carros com luzes e movimento. “O carnaval descobre talentos e tira pessoas da rua. Por um tempo, eu sustentei minha família só com isso”, conta Filipe Ritter. Já para Elis Regina, rainha da Samba Puro, escola da Série Prata – que é ainda mais prejudicada pelos cortes de verba –, o carnaval é lugar de conhecimento. Ela chegou ao carnaval por convite de uma amiga, que era passista, e já está há dois anos participando ativamente da escola, no bairro Partenon. A administradora de empresas, entretanto, se mostra mais receosa quando o assunto é o carnaval do ano que vem. “Não adianta a gente sonhar, temos que esperar, porque depende de outras pessoas”, diz. A Samba Puro sempre desfila nas ruas do bairro, já que um de seus objetivos é elevar

a autoestima da comunidade. “As pessoas que têm mais dinheiro e não apoiam o carnaval precisam entender que elas podem ir ao cinema ou ao teatro no fim de semana, mas na comunidade, o carnaval, muitas vezes, é a única forma de acesso à cultura”, explica a rainha. Como exemplo, Elis fala do enredo do ano passado, que era sobre o pandeiro. “Eu mesma não conhecia a história desse instrumento; os enredos ensinam muito sobre a nossa história”.

O desfile oficial parece um sonho distante, mas o passar dos meses evidencia que o carnaval não vai parar para quem dedica o ano e a vida a fazer dessa festa tão brasileira um dos maiores eventos culturais do país. Já diria o Rei Momo de Porto Alegre de 2018: “É na adversidade que buscamos força para lutar”.

Bárbara Lima,
estudante do 6.º semestre de
Jornalismo da UFRGS